

**A construção da democracia racial brasileira:
o nordeste de Gilberto Freyre e o Rio Grande do Sul de Dante de Laytano**

Mariana Selister Gomes *

Resumo

Este trabalho historiográfico propõe uma relação entre dois importantes intelectuais / historiadores e suas interpretações a cerca das relações raciais no Brasil a partir de seus olhares regionais: Laytano e o Rio Grande do Sul, Freyre e o Nordeste. Entende-se que os autores fazem parte de um mesmo esforço de construir uma identidade nacional, a partir da regionalização, baseada em uma interpretação acerca das relações raciais entre os grupos formadores da nação como relações de mestiçagem harmônica, construindo, assim, um ideário de democracia racial brasileira. Para entender este processo, as abordagens de Stuart Hall e Paul Gilroy sobre identidade(s) e multiculturalismo tornam-se fundamentais, assim como, as contribuições teóricas de Pierre Bourdieu, Roger Chartier e Michel de Certeau.

Palavras-Chave

Identidade Nacional; Dante de Laytano; Gilberto Freyre

Dante de Laytano e Gilberto Freyre

Laytano (1908-2000) foi um intelectual de inegável importância no Rio Grande do Sul. No que se refere a esta pesquisa, focada na historiografia do Rio Grande do Sul sobre os afro-descendentes e relações raciais, o autor é ainda mais relevante – isto porque é reconhecido como o primeiro a valorizar a influência dos africanos e afro-descendentes no estado.

Segundo Certeau (1982: 11) “a operatividade historiográfica desemboca, por um lado, num problema político (os procedimentos próprios ao “fazer história”) e, por outro lado, na questão do sujeito (do corpo e da palavra enunciativa)”. Neste sentido, analisar-se-á o contexto político e a trajetória intelectual do autor. Laytano formou-se na Faculdade de Direito e “iniciou escrevendo críticas de cinema e crônicas em jornais. Só mais tarde, como promotor público de Rio Pardo, despertou para a pesquisa histórica e folclórica” (FLORES, 2000: 8).

Laytano começa, então, a ascender como intelectual, torna-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul (IHGRS). Nos anos quarenta é um dos fundadores, e pertence ao primeiro corpo docente, das duas primeiras Faculdades de Filosofia

* Bacharel em História pela UFRGS. Mestranda em Sociologia no PPGSOC/UFRGS.
E-mail: marianaselister@gmail.com

2

do Rio Grande do Sul. Em 1948 participa da criação da Comissão Gaúcha de Folclore e foi o seu primeiro presidente. Nos anos cinquenta torna-se diretor do Museu Júlio de Castilhos.

Suas pesquisas e seus vínculos institucionais ligados ao folclore fornecem indicativos para a análise de suas concepções teóricas. Flores (2000) e Nedel (1999) apontam que Laytano, focando-se no folclore, rompe com a tradição documentalista e focada nos heróis da história feita pelo IHGRS até então. Esse rompimento ocorre a partir da influência da obra de Freyre que está ascendendo nacionalmente com a publicação de *Casa Grande & Senzala*. No discurso pronunciado por Laytano em 1941, na sessão de aniversário do IHGRS, ele refere-se a Freyre como “renovador dos estudos brasileiros” (LAYTANO, 1945: 144). Ao referir-se a importância do IHGRS, diz que este proporciona o contato com “velhos documentos, mapas antigos, roteiros de várias espécies, livros raros, revistas inacessíveis, publicações de tiragens exíguas, jornais antigos e viajantes que escreveram impressões quase esquecidas” (*idem*: 146). Citando no mesmo grau de importância os velhos documentos – tradicionais para a pesquisa histórica – e os relatos de viajantes, que são a principal fonte de Freyre.

Segundo Nedel (1990: 141), Laytano buscava o que houvesse de “mais específico entre os valores regionais, procurando fazê-lo sem exclusão de afinidade com a cultura luso-brasileira”. Esta ênfase no folclore e a característica da regionalização sem exclusão da cultura luso-brasileira é influência de Freyre. Conforme Oliven (1993: 23), Freyre afirma “que o único modo de ser nacional, num país de dimensões como o Brasil, é ser primeiro regional”.

Para Laytano, então, “a língua estrutura e confere unidade ao complexo cultural brasileiro e seu preservador – o açoriano – torna-se o elo de inserção do regional ao nacional” (Nedel, 1999:136). Assim, o elemento central da formação do Rio Grande do Sul, para Laytano, é o açoriano – o que pode ser analisado através do livro intitulado “Folclore do Rio Grande do Sul: levantamentos dos costumes e tradições gaúchas”. O livro é uma síntese de seus vários trabalhos específicos sobre diversos temas relacionados ao estado. No subcapítulo intitulado “folclore do Rio Grande do Sul” (uma síntese geral), é muito evidente a hierarquização entre as contribuições das etnias e, assim, a inferioridade que o autor coloca o negro com relação ao açoriano. Cita-se: “o legado e as etnias pretende demonstrar que *a herança que persiste no gaúcho é exclusivamente luso-brasileira (...)* O índio e o negro montaram o arcabouço deste folclore gaúcho, um folclore nitidamente luso-brasileiro, nossas raízes puras” (Laytano, 1987: 11). E também: “o folclore no Rio Grande do Sul emana de

3

fontes várias. Mas a luso-açoriano-brasileira é seu desenho geométrico número um, o principal” (*idem*:13).

Nesta ênfase no açoriano, mas reconhecendo as contribuições dos outros grupos, pode-se analisar que o Rio Grande do Sul de Laytano é baseado no mesmo tripé que o Nordeste de Freyre, o qual, segundo Pesavento (2004), é formado pelo lusitanismo, mestiçagem e negritude.

Esta relação de Laytano com Freyre pode ser ainda evidenciada nas próprias palavras de Laytano em entrevista a Moacyr Flores, publicada em 1995:

Moacyr Flores: O senhor manteve correspondências com Gilberto Freyre e Câmara Cascudo, até que ponto eles afetaram em suas linhas de pesquisa de folclore e da história social?

Dante de Laytano: Tudo. Gilberto Freyre foi minha grande influência (...) (Flores, 1995: 113).

A Democracia Racial Brasileira

A concepção de Laytano para abordar os grupos étnicos é também baseada em Freyre, ou seja, é uma perspectiva que se pretende cultural, mas que ainda mantém perspectivas biológicas relacionadas ao conceito de raça do século XIX, como a hierarquização (já evidenciada), a evolução e a civilização.

A partir da independência do Brasil, em 1822, o Estado e os intelectuais (que somavam as funções de literatos, jornalistas, historiadores, geógrafos, etc.) voltaram-se para a construção de uma Identidade Nacional. Fundam-se os Institutos Históricos e Geográficos e realiza-se um concurso, proposto em 1840, para eleger o melhor plano de como escrever a *história antiga e moderna do Brasil*. O vencedor é Carl Friedrich Phillip Von Martius, com a obra *Como se deve escrever a história do Brasil*, considerado por muitos autores como “o primeiro a teorizar acerca da melhor maneira de escrever a história do Brasil” (CEZAR, 2003, p. 177 e 178). A obra de Martius, conforme Cezar (2003) centra-se na preocupação com as três raças que formam a Nação Brasileira: os índios, os portugueses e os africanos. Na descrição de Cezar (2003) da obra, percebe-se que a parte destinada aos africanos é infinitamente menor, bem como, sua participação é menos importante. Desde este início, a identidade brasileira está vinculada à questão racial e imersa em uma série de disputas sociais. Essa abordagem racial assumiu, primeiramente, uma perspectiva biológica – a constatação da mestiçagem desses grupos formadores da nação (já apontados por Martius) foi interpretada

4

como negativa. A trajetória intelectual do conceito de raça no Brasil e a construção da identidade nacional², inicia-se, então, com a perspectiva biológica influenciada pelas Teorias Raciais Européias do século XIX, essas teorias entendiam o conceito de raça como biológico e defendiam que a raça pura branca era superior. Alguns intelectuais chegaram a condenar a sociedade brasileira à barbárie, devido a sua mestiçagem de raças que eles consideravam inferiores (negros e índios). No final do século XIX e início do século XX, os intelectuais brasileiros, a partir desse dilema que enfrentavam com relação à mestiçagem, já que a segregação total seria impossível (devido ao enorme número de negros no país), construíram a Ideologia do Branqueamento. Esses intelectuais re-significaram o conceito de mestiçagem – colocando-a como solução e não problema ao Brasil, isto porque defendiam que paulatinamente o país branquear-se-ia a partir da mistura de sua população mestiça e do incremento de população branca com a imigração européia.

A partir das décadas de 1920 e 1930, frente à crise mundial do liberalismo e a decadência das oligarquias brasileiras, o nacionalismo foi reforçado como alternativa para o Brasil. O Populismo na Era Vargas, na construção da Identidade Nacional, defendeu a mestiçagem e a harmonia entre as raças – instaurando o Dia da Raça e apoiando-se nos intelectuais e no Departamento de Imprensa e Propaganda. A mestiçagem que havia sido valorizada com o objetivo de branquear o Brasil passa a ser valorizada como característica nacional. Segundo Capelato (2001) o DIP produzia e divulgava as mensagens propagandistas do governo (também, censurava outros meios de comunicação), dentre as mensagens, além das oficiais, principalmente o Rádio, tinha um caráter cultural e cívico, onde a nacionalidade era exaltada. Os intelectuais, especialmente no Estado Novo, foram incentivados e convocados a participar do governo e a teorizar sobre a *questão nacional*. Eles escreviam na revista Cultura Política e nos jornais oficiais A Manhã e A Noite. Na questão nacional vinculada à raça, destacou-se Gilberto Freyre, exaltando a mestiçagem.

O conceito de raça é re-significado por Freyre e pretende-se cultural, ou seja, o autor pretende não mais considerar as raças como superiores ou inferiores, nem puras, pretende enfatizar as características culturais de cada grupo antes considerado racial (negros, índios e brancos). Laytano pretende seguir essa perspectiva, seus únicos livros específicos sobre os

² Sobre estas questões: MAIO, Marcos; SANTOS, Ricardo (1996); MUNANGA (1999); ORTIZ (1994); SCHWARCZ (1993); SKIDMORE (1989).

5

negros são sobre aspectos culturais “As congadas no município de Osório”, de 1945 e “Festa de Nossa Senhora dos Navegantes”, de 1955. Neste sentido a mestiçagem torna-se positiva, ou seja, é uma mistura de diversas culturas, consolidando-se, assim, a mestiçagem positiva como característica nacional, criando-se um imaginário de que no Brasil as três raças formadoras da nação viviam em harmonia – o que críticos irão chamar de mito da democracia racial brasileira.

Ressalta-se que ao realizar uma análise historiográfica é preciso considerar, segundo Chartier (1988 e 1991), que um texto não tem sentido intrínseco, ele é uma construção de sentido – uma *representação*, vinculado de maneira mútua a uma *prática* social, e, é *apropriado* pela sociedade de diferentes formas – sendo re-significado, e ao mesmo tempo, construindo significados na sociedade. Assim, o objetivo ao analisar um texto é reconhecer a gama de “práticas y representaciones que estructuran el mundo social donde ellas se inscriben”. (CHARTIER, 1991, XII). Assim, é preciso compreender o contexto em que Freyre e Laytano buscam enfatizar aspectos culturais e demonstrar uma harmonia racial do país. No contexto nacionalista de Vargas, uma identidade nacional precisava ser reafirmada e não mais seria possível defender uma mestiçagem com finalidade de branquear a população. Isto porque o Brasil mantinha-se com uma forte presença afro-descendente, ou seja, não havia sido possível fazer essa presença afro-descendente desaparecer pela mestiçagem com objetivo de branqueamento (como pregavam os intelectuais); continuava não sendo possível segregar esse grupo étnico-racial (como ocorria nos Estados Unidos da América) devido ao grande contingente; e os afro-descendentes se organizavam e defendiam seus direitos – já existia em todo o país, jornais de imprensa negra³, associações e clubes⁴ e, a Frente Negra Brasileira⁵. Foi nesse contexto que Freyre re-significou a mestiçagem, tornando-a positiva e construindo uma idéia de democracia racial, neutralizando, assim, a luta dos negros e ocultando o racismo no Brasil através de uma história da escravidão pacificada.

A obra “Casa Grande & Senzala”, de Freyre, foi fundamental na construção dessa representação de um Brasil positivamente mestiço. Segundo Freyre (2001, p. 45):

³ Conforme SANTOS (2003).

⁴ Segundo SILVA (2005).

⁵ Grupo formado pela elite negra com o objetivo de educar a população negra para que ela pudesse ascender socialmente, conforme GOMES (2005).

Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor – separados dos traços de raça os efeitos do ambiente ou da experiência cultural.

Essa tentativa de recuperar positivamente a contribuição do negro e transpor o conceito biológico de raça leva Freyre à interpretação da mestiçagem positiva e da harmonia racial brasileira:

A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que doutro modo se teria conservado enorme entre a casa-grande e a mata tropical; entre a casa-grande e a senzala. O que a monocultura latifundiária e escravocrata realizou no sentido da aristocratização, extremando a sociedade brasileira em senhores e escravos, com uma rala e insignificante lambujem de gente livre sandiuchada entre os extremos antagônicos, foi em grande parte contrariado pelos efeitos sociais da miscigenação. A índia e a negra-mina a princípio, depois a mulata, a cabrocha, a quadrarona, a oitavona, tornando-se caseiras, concubinas e até esposas legítimas dos senhores brancos, agiram poderosamente no sentido de democratização social no Brasil (Freyre, 2001, p. 46).

Nesta passagem torna-se evidente a perspectiva de uma mestiçagem biológica / sexual. Esta interpretação de Freyre sobre a mestiçagem no Brasil é duramente criticada⁶ por defender que no Brasil vivia-se em uma democracia racial. No entanto, alguns autores como Araújo (1994) posiciona-se da seguinte forma: “Ainda tenho, contudo, alguma dificuldade em concordar que a visão que Gilberto possuía da nossa sociedade colonial envolvesse, de fato, a afirmação de um paraíso tropical”. (Araújo, 1994, p. 48). Vianna apresenta uma interpretação semelhante sobre Freyre: “em nenhum dos capítulos de Casa-Grande & Senzala, incluindo as notas volumosas desses capítulos, está impressa a expressão `democracia racial`”(Vianna, 2001, p. 215).

Esses autores argumentam que Freyre não utiliza o conceito de raça e, sim uma perspectiva sócio-cultural para a mestiçagem. Existe esse esforço por parte de Freyre, já demonstrado em citação, de apoiar-se em abordagens culturais. No entanto, é apenas uma mudança de perspectiva conceitual – da biológica para a sócio-cultural – que teria ocorrido nos anos 30, Martinez-Echazábal (1996, p. 110) se refere como uma “mudança retórica e pretensamente conceitual”. Cita-se: “Nos discursos elaborados com base no ideologema da

⁶ Conforme MUNANGA (1999) a crítica provém especialmente de autores negros a partir da década de 1940, como Guerrero Ramos e Abdias do Nascimento. Também, o Projeto UNESCO, na década de 1950, financia um estudo sobre as relações raciais no Brasil e evidencia o conflito e não uma harmonia racial a partir da mestiça.

7

mestiçagem emergentes nos anos 20 já não se fala, em geral, de raças ou culturas inferiores para efeito de exclusão, se bem que isto esteja implícito” (Martinez-Echazábal, 1996, p.109).

A interpretação de uma harmonia e de uma passividade do negro é evidente nas obras de Laytano, como pode ser percebido no artigo “Os africanismos no dialeto gaúcho”, de 1936. Uma de suas análises é da comparação entre os vocabulários africanos e alemães, italianos. Laytano constata que o número de africanismos no dialeto gaúcho é muito maior do que as palavras vindas dos alemães. E sua interpretação é a seguinte:

Por que a influência do meio atenua a psicologia do imigrante. Para vencer na conquista econômica entregou-se, ele, com entusiasmo, no contacto com as massas nacionais. O alemão e o italiano eram agentes ativos, mas o negro não era mais do que um agente passivo. (...) (idem:170)

A democracia social / racial de Freyre pode ser evidenciada em Laytano. Cita-se, por exemplo: “A Saint-Hilarie não escapou a visão que distingue o negro da estância do negro da xarqueada. Afirmei, diz ele, nesta Capitania, os negros são tratados com bondade e que os brancos com eles se familiarizaram, mais que em outro ponto do país” (Laytano, 1959, p. 48). Cita-se, também: “É exato que a estância nivelou os hábitos do campo não permitindo grandes diferenciações sociais” (Laytano, 1937, p.99). Assim a estância gaúcha é o paralelo do engenho nordestino. O Nordeste de Freyre, mestiço, harmônico racialmente, que enfatiza o português e o regional para se nacional; é também o Rio Grande do Sul de Laytano.

Fomenta-se, assim, a representação de um Brasil em harmonia racial e se resolve, para a elite branca, o problema de construção de uma Nação com um enorme contingente afro-descendente. Isto porque a Mestiçagem produz o silenciamento dos conflitos raciais, e assim, força uma invisibilidade do racismo e de suas soluções, facilitando a manutenção dos privilégios dos brancos, bem como, dificultando a luta dos negros. Por isso, pode-se afirmar que o mito da democracia racial faz parte de um poder – o poder simbólico que “é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeito ou mesmo que o exercem” (BOURDIEU, 2001, p. 7). Ainda hoje, muitos setores da sociedade brasileira, incluindo alguns intelectuais, defendem a existência de um Brasil Mestiço e harmônico racialmente, esquecendo todo esse contexto de construção dessa identidade nacional e invisibilizando outras identidades.

Neste sentido é importante compreender outras identidades paralelas à identidade nacional. A análise dessas outras formas de identidades “se preocupa mais com os fluxos, as

8

trocas e os elementos intermediários que podem colocar em questão o próprio desejo de ser centrado” (Gilroy, p. 357). Ou seja, a análise volta-se para as identidades múltiplas, o multiculturalismo. As características identitárias dos negros, segundo esta análise, são determinadas “parcialmente por suas heranças, e também determinados criticamente pelas condições diaspóricas nas quais as conexões foram forjadas” (Hall, 2003, p. 343). Isto é, pela história africana e também por uma percepção da escravidão e da diáspora enquanto experiência histórica que tem uma série de influências na identidade atual. Assim, existem múltiplas identidades construídas historicamente, paralelamente a uma identidade nacional onde os vários grupos foram hierarquizados na formação de um todo nacional.

Referências Bibliográficas

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-Grande e Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. Rio de Janeiro: Editora 34/ Nova Fronteira, 1994.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Estado Novo: novas Histórias. In: FREITAS, Marcos Cezar de (org). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2001. p. 183-213

CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CEZAR, Temístocles. Como deveria ser escrita a história do Brasil no século XIX. Ensaio de história intelectual. IN: PESAVENTO, Sandra. *História Cultural: experiências de pesquisa*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

CHARTIER, Roger. *El mundo como representación*. Barcelona: Gedisa, 1991.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.

FLORES, Moacyr. Nos caminhos da história com Dante de Laytano. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXI, n. 1, julho 1995, p. 109-117

FLORES, Moacyr. Historiografía de Dante de Laytano. *Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUCRS, v. XXVI, n. 1, julho 2000, p. 7-22.

FREYRE, Gilberto. *Casa-grande & Senzala*. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GILROY, Paul. Uma História para não passar adiante: a memória viva e o sublime escravo. In: *O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência*. São Paulo. Ed. 34. p. 351-417.

GOMES, Arilson dos Santos. A Frente Negra brasileira e suas idéias no Rio Grande do Sul na década de 1930. *Anais do II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Porto Alegre, 2005. [CD]

HALL, Stuart. Que negro é esse na cultura negra? In: *Da Diáspora*. Belo Horizonte: Editora UFMG. 2003. p. 335-349

LAYTANO, Dante de. *Folclore do Rio Grande do Sul: levantamento dos costumes e tradições gaúchas*. Porto Alegre: EST, 1987.

LAYTANO, Dante de. O negro no Rio Grande do Sul. In: I. J. Otão. *Primeiro Seminário de Estudos Gaúchos (publicação das conferências do seminário realizado de 3 de setembro à 4 de outubro)*. Porto Alegre: Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1959. p. 27 – 106

LAYTANO, Dante de. Os africanismos no dialeto gaúcho. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, p. 167 - 226, 2o. tri, Ano XVII 1936.

LAYTANO, Dante de. Como Saint-Hilaire viu o negro no Rio Grande do Sul. *Anais do Terceiro Congresso Sul-Riograndense de História e Geografia do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, v. 2, p. 15-35, 1940.

LAYTANO, Dante de. Discurso. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, Ano XXV, IV Trimestre, n. 101, p. 143 – 149, 1945.

LAYTANO, Dante de. O negro e o espírito guerreiro nas origens do Rio Grande do Sul. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul*, p. 95 - 117, 1o. Tri, Ano XVII 1937.

MATÍNEZ-Echazábal, Lourdes. O culturalismo dos anos 30 no Brasil e na América Latina: deslocamento retórico ou mudança conceitual? In: MAIO, Marcos (org). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996, p. 107-124.

MAIO, Marcos; SANTOS, Ricardo (orgs). *Raça, Ciência e Sociedade*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CCBB, 1996.

MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

NEDEL, Lécia Borges. *Paisagens da Província: o regionalismo sul-riograndense e o Museu Júlio de Castilhos nos anos cinquenta*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1999.

ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

OLIVEN, Ruben George. Três em um: a Semana Modernista, o Nordeste de Gilberto Freyre e o Rio Grande do Sul. *São Paulo em Perspectiva*, São Paulo, v.7, n.2, abr/jun 1993, p. 22-28.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Negritude, mestiçagem e Lusitanismo: o Brasil positivo de Gilberto Freyre. In. AXT, Gunter & SCHULER, Fernando (orgs). *Intérpretes do Brasil: cultura e identidade*. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2004.

SANTOS, José Antônio dos. *Raiou a Alvorada: intelectuais negros e imprensa*, Pelotas (1907-1957). Pelotas: UFPel, 2003.

SILVA, Tathiana Cristini da. Do edifício à cidadania: o patrimônio material e sua relevância para conquista da cidadania pelos afro-descendentes de Lages/SC. *Anais do II Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Porto Alegre, 2005. [CD]

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Cia das Letras, 1993.

SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

VIANNA, Hermano. A meta mitológica da democracia racial. In: FLACÃO, Joaquim & ARAÚJO, Rosa (orgs). *O imperador das idéias: Gilberto Freyre em questão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.